

Questões discursivas:

1. *Verossimilhança* significa semelhança com a verdade. Em literatura, o termo designa a ideia de que aquilo que é narrado se assemelha à realidade. O livro em questão reproduz fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática. **Explique**, com fundamentos na narrativa, que perdas o leitor teria caso a edição do livro realizasse uma correção gramatical nos escritos de Carolina.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** Se a correção gramatical fosse feita, a obra perderia autenticidade. A linguagem faz parte do ponto de vista, que nesse caso é o de uma moradora da periferia de São Paulo, mulher, negra, catadora de papel, mãe solo e escritora. Os leitores têm contato com a realidade narrada não só através do que está sendo dito, mas também de como está sendo dito. Realizar uma correção ortográfica seria então alterar o ponto de vista da autora, deturpar suas vivências registradas.

2. “As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.”

“As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo.”

A partir da leitura do livro e de seu conhecimento de mundo sobre a forma como as cidades se organizam, justifique o título do livro.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** A autora compara os cômodos de uma casa à divisão da cidade entre centro e periferia. Segundo ela, o centro é a sala de visitas, ou seja, apresenta uma estrutura para receber as pessoas, uma organização pública, como saneamento básico; já a favela seria o quarto de despejo, ou seja, aquele cômodo utilizado para “entulhar” o que não se deseja ter à vista, o que atrapalha o trânsito, o que é empurrado para fora e a quem não se enxerga. O título do livro carrega em si, além da metáfora, uma crítica sobre a falta de investimento público para os periféricos e a invisibilidade social.

3. Quando o livro *Quarto de despejo* foi lançado, alguns críticos colocaram em dúvida a autenticidade da autoria, ou seja, sugeriram que a obra teria sido escrita por outra pessoa. Diante disso, o grande poeta brasileiro, Manuel Bandeira, publica um artigo em que afirma “ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária”. A partir das características da obra, justifique a afirmação de Manuel Bandeira.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** O linguajar da autora Carolina Maria de Jesus chama a atenção, pois oscila entre a formalidade e a informalidade, inclui coloquialismos e neologismos. Não são raras as passagens em que Carolina inventa palavras, assim como também não é incomum o registro de palavras conforme a norma culta. Essa mescla de estilos só seria possível a quem não teve o ensino institucionalizado completo, mas possui olha atento e observador, assim como o gosto pela leitura e pela a escrita.

4. “Percebi que no Juizado as crianças degrada a moral. Os juízes não tem capacidade para formar o caráter das crianças. O que é que lhes falta? Interesse pelos infelizes ou verba do Estado? ... Em 1952 eu procurava ingressar na Vera Cruz e fui no Juizado falar com o Dr. Nascimento se havia possibilidade de internar os meus filhos. Ele disse-me que se os meus filhos fossem para o Abrigo que ia sair ladrões. Fiquei horrorizada ouvindo um Juiz dizer isto”

De acordo com o enredo, que motivo Carolina teve para intencionar entregar seu filho para a Justiça?

**PADRÃO DE RESPOSTA:** Carolina intenciona entregar seu filho para a Justiça quando uma vizinha o acusa de ter tentado violentar sua filha de apenas dois anos, como pode ser conferido nas páginas 87 e 88.

5. “Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse-me que vai ser um homem distinto e que eu vou tratá-lo de Seu José. Já tem pretensões, quer residir em alvenaria... Eu fui retirar os papelões. Ganhei 55 cruzeiros. Quando eu retornava para a favela encontrei com uma senhora que se queixava porque foi despejada pela Prefeitura. Como é horrível ouvir um pobre lamentando-se. A voz do pobre não tem poesia.”

Embora Carolina tenha afirmado que a voz do pobre não tem poesia, o seu discurso, embora denso e doído, é cheio de beleza. Explique essa afirmação com características da obra. Inclua trechos do livro que comprovem sua resposta.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** São vários os recursos expressivos utilizados por Carolina em seu fazer literário. Podem ser citados: o uso das cores para expressar seus sentimentos, como por exemplo em “...Chegou o esquife. Cor roxa. Cor de amargura que envolve os corações dos favelados” (p.34). O uso de paralelismo, ou seja, repetição de uma mesma estrutura, algo comum à poesia, como em “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (p. 41). Comparações de diversas ordens, como por exemplo as que aparecem nas páginas 37,38, 39, 44 e 167. As metáforas também podem ser incluídas nessa resposta, como as que aparecem nas páginas 32 e 182. Personificação na página 43. Neologismo na página 48. Entre outras possibilidades.

6.

Escritor é acusado de racismo por trecho em biografia de Clarice Lispector



As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento de um livro (Foto: Acervo de divulgação/ Editora Rocco)

O escritor e historiador Benjamin Moser, autor da mais recente biografia de Clarice Lispector, vem sendo acusado de racismo desde que um trecho do livro, publicado no Brasil em 2011, foi resgatado nas redes sociais.

A lembrança veio da autora mineira Ana Maria Gonçalves. No último sábado (14), ela republicou uma passagem de Clarice em que Moser descreve uma imagem na qual Lispector aparece conversando com Carolina Maria de Jesus durante o lançamento de um livro.

“Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, Quarto de despejo, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro”, escreve o biógrafo na página 25.

O trecho provocou comentários indignados nas redes sociais. Muitos condenaram o caráter racista dos comentários de Moser ao não reconhecer Carolina de Jesus como escritora, mas sim como uma “negra” que, ao lado da “proverbialmente linda” Clarice, poderia ser confundida com uma empregada doméstica.

“Pois é. Jura que para exaltar a Clarice tinha que depreciar Carolina, chamando-a de ‘negra que escreveu’ e não de escritora; de ‘fora de lugar’, dizendo que parece a empregada da linda Clarice? Não teve ninguém pra dar um toque no ‘branco que escreveu’ isso?”, criticou Ana Maria Gonçalves em sua página no Facebook.

Nesta quarta (18), o texto publicado por Gonçalves já havia sido compartilhado quase 700 vezes no Facebook. O próprio autor chegou a se defender de alguns comentários, dizendo que “a ideia da passagem é que as aparências enganam”, e que ele estava apenas “comparando as aparências de duas pessoas numa foto”.

Em nova postagem, na segunda (16), Ana Maria Gonçalves voltou a criticar o escritor norte-americano. “Pelo que pude entender, ele já foi questionado anteriormente,

e escolheu ignorar. Pode ser que a escolha dele continue sendo esta, mas não será a minha.”

Não é a primeira vez que o trecho é considerado problemático. Em julho do ano passado, a professora da UFRJ e feminista negra Giovana Xavier escreveu uma carta aberta à FLIP (Festa Literária de Parati) onde afirma que a passagem “representa de forma violenta e emblemática o confinamento das mulheres negras às representações racistas”. No texto, ela também criticava a falta de participantes negros, especialmente mulheres, no principal evento de literatura do país.

Procurado pela CULT, Benjamin Moser não quis dar entrevista. Ele afirmou que fez as modificações necessárias no texto para que, nas próximas edições da biografia, “suas intenções fiquem mais claras”. Ele não concorda que a descrição tenha sido, de fato, preconceituosa, e afirmou que considera o assunto “fechado”.

Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/escritor-e-acusado-de-racismo-por-trecho-em-biografia-de-clarice-lispector>. Acesso em 05 de fevereiro de 20.

Comente pelo menos uma passagem do livro em que Carolina tenha sofrido preconceito racial. Trechos da obra podem ser incluídos na resposta.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** Dentre as várias possibilidades de citação, está a página 151, quando Carolina é discriminada no açougue:

“ – Tem banha?

- Não tem.

- Tem carne?

- Não tem.

Entrou um japonês e perguntou:

- Tem banha?

Ela esperou eu sair para dizer-lhe:

- Tem.

Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim.

Ordinária!”

7. A obra de Carolina Maria de Jesus relata o dia a dia em uma favela da cidade de São Paulo. Desnudando a situação de precariedade nesse território, como podemos verificar no relato abaixo:

### **12 de julho**

(...)

Fui buscar água e a fila já estava enorme. Que coisa horrível é ficar na torneira. Sai briga ou alguém que saber a vida dos outros. Ao redor da torneira amanhece cheio de bosta. E quem limpa sou eu.

(...)

Fonte: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

No momento atual, a situação precária dos moradores de favelas tem sido discutida na mídia, como podemos verificar na notícia abaixo:



Fonte: [www.agenciabrasil.com.br](http://www.agenciabrasil.com.br). Acessado em: 16/04/2020

A partir dos elementos acima DISCORRA sobre a realidade vivida pelas pessoas que moram nas favelas e a exposição a inúmeros problemas de saúde.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** O aluno deve destacar na sua resposta as favelas como espaço sem infra-estrutura. Como pode ser percebido na obra analisada, não há abastecimento de água, tratamento de esgoto, atendimento à saúde, etc. Essa situação coloca os indivíduos em situação de fragilidade e também acessível a inúmeras doenças. Esse cenário pouco se modificou como é possível perceber na reportagem citada na questão. As favelas continuam sendo espaços de precariedade e de perigo para desenvolvimento de doenças, uma vez que o moradores convivem com problemas estruturais como: falta de abastecimento de água, tratamento de esgoto, superpopulação e precário atendimento de saúde. Condições sanitárias precárias.

**8.** Há na obra, "*O quarto de despejo: diário de uma favelada*", vários relatos sobre episódios de violência contra a mulher. Considerando esse fato, APRESENTE uma situação vivida pelas mulheres na favela no que tange à violência e a sua naturalização. Inclua trechos da obra para compor sua resposta.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** A obra analisada apresenta a violência contra a mulher como um evento comum no cotidiano da favela. Chama atenção como as brigas entre marido e mulher são relatadas, como evento que chama a atenção da multidão (outras mulheres, homens e crianças) sem que haja nenhuma, ou quase nenhuma interferência. Além da violência física, está presente na obra também a violência simbólica, por meio de xingamentos que colocam a moral da mulher em discussão.

28 de maio: “E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos”.

20 de julho: “Era 1 hora quando eu ia recomeçar escrever. O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. [...] O Alexandre chingava as crianças que iam olhar e avançou para o meu filho. E desacatava o soldado Edison, querendo bater-lhe no rosto e dizendo-lhe:

- Leva a minha mulher para você! Mulher depois que casa é para suportar o marido [...]

13 de agosto: “O Anselmo apareceu aqui em 1950 com uma mulher que estava grávida. Quando a mulher deu a luz, um menino, ele começou a maltratá-la. Ela estava de dieta e ele lhe espancava e lhe expulsava de casa”.

9. Analise os trechos abaixo e depois faça o que se pede:

### 7 de julho

(...)

Quando eu vou a cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. [...] Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas.

(...)

Fonte: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

(...)

Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela

Só vejo paisagem muito linda e muito bela.

Quem vai pro exterior da favela sente saudade.

O gringo vem aqui e não conhece a realidade.

Vai pra Zona Sul pra conhecer água de coco.

E o pobre na favela, vive passando sufoco

Rap da Felicidade. Cidinho e Doca. 1994.

Os dois trechos citados acima apresentam uma percepção social da Cidade *versus* Favela. Discorra sobre isso.

**PADRÃO DE RESPOSTA:** É possível verificar na obra analisada e também na letra da música citada na questão, uma percepção bem distinta do espaço da favela e do espaço

da cidade. A cidade percebida como o lugar do progresso, da beleza, das oportunidades, a civilização em si. E a favela o lugar da marginalidade, da miséria, da ignorância. Assim como percebemos a visão distinta do território é possível perceber, também, que os seus moradores são julgados por esses padrões. As pessoas da cidade, bem vestida e bonitas, como a própria autora relata, e as pessoas da favela como os miseráveis, famintos e sujos.

10. Na obra **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, a autora Carolina Maria de Jesus mostra as suas impressões sobre o cotidiano dos moradores da Favela do Canindé. Em São Paulo. A narradora-personagem evidencia as agruras da vida em condições precárias e ressalta que, no Brasil, a “fome também é professora.” **Quais seriam, na visão da autora, as lições dadas pela fome? Por que, segundo a autora, o Brasil precisaria ser dirigido por “quem já passou fome”?**

**PADRÃO DE RESPOSTA:** A fome ensina as pessoas que já passaram fome a serem solidárias, a pensarem no próximo. Esse raciocínio leva a autora a acreditar que políticos que já passaram por essa situação se empenhariam mais para ajudar os pobres.

11.“...Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas que indicam os nomes de futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.” (*Quarto de despejo*)

O Cavalo de Troia foi um grande cavalo de madeira construído pelos gregos durante a Guerra de Troia, como um estratagema decisivo para a conquista da cidade fortificada de Troia. Tomado pelos troianos como um símbolo de sua vitória, foi carregado para dentro das muralhas, sem saberem que em seu interior se ocultava o inimigo. À noite, guerreiros saem do cavalo, dominam as sentinelas e possibilitam a entrada do exército grego, levando a cidade à ruína. O cavalo é considerado, em geral, uma criação lendária, mas não é impossível que tenha realmente existido. Seja como for, revelou-se um fértil motivo literário e artístico, e desde a Antiguidade é citado ou reproduzido vezes incontáveis em poemas, romances, pinturas, esculturas, monumentos, filmes e brinquedos. Nesse sentido, **o que pretende a autora ao comparar as eleições com o “cavalo de Troia”?**

**PADRÃO DE RESPOSTA:** Na visão da autora, os políticos e dirigentes não cumprem as suas promessas eleitorais, não estão interessados em resolver os problemas das pessoas pobres, não conseguem evitar que os moradores das favelas passem fome, por

isso, as eleições acabam sendo uma grande **decepção**, um **presente de grego** para os pobres.

12. Na página 46, ao descrever as suas impressões sobre o dia 29 de maio, a narradora-personagem disse sentir-se condoída “de ver tantas agruras reservadas aos proletários”. Qual o sentido do verbo “condoer” nesse contexto? O que a afirmação da narradora aponta sobre o perfil da autora?

**PADRÃO DE RESPOSTA:** A personagem-narradora sentia pena das pessoas pobres que viviam na favela, chamadas por ela de proletários. Particularmente, a autora se sentia comovida com o fato de que muitas pessoas que viviam próximas a ela não tinham agasalhos, calçados e o seu sofrimento era maior com a baixa temperatura ou com a chuva.

13. Analise os fragmentos abaixo:

“Quando passei perto da fabrica vi varios tomates. Ia pegar quando vi o gerente. Não me aproximei porque ele não gosta que pega. Quando descarregam os caminhões os tomates caem no solo e quando os caminhões saem esmaga-os. Mas a humanidade é assim. Prefere vê estragar do que deixar seus semelhantes aproveitar”. Fonte: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007. P. 78.

“Com falhas no sistema e filas em agências, brasileiros se arriscam na pandemia por auxílio de 600 reais”. Fonte: [www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com)

O primeiro fragmento da obra de Carolina Maria de Jesus apresenta a percepção da autora sobre a realidade vivida por pessoas que estão à margem da sociedade. No segundo fragmento temos uma concreta situação contemporânea que envolve também uma parcela da sociedade. Podemos relacionar esses dois cenários? Como? Discorra.

**Padrão de resposta:** Os dois cenários podem ser relacionados. Apesar da distância histórica entre os dois eventos, o que percebemos é que existem pessoas que vivem em situação de miséria e que acabam se sujeitando a humilhações para conseguir viver. No primeiro caso, a humilhação de pegar os tomates no lixo e a ação egoísta do gerente que prefere jogar fora a doar. No segundo caso, pessoas que se colocam em risco por conta da necessidade. Precisam enfrentar fila e aglomerações por necessidade de receber 600 reais.

14. No dia 13 de maio de 2020 a Lei Áurea, famosa por dar “dado” a liberdade aos escravos completou 133 anos. Na obra, O Quarto de Despejo, a autora faz algumas observações sobre a vida do negro da favela. Suas observações nos permitem analisar a

situação desses indivíduos após a abolição? O que mudou e o que permaneceu? Discorra sobre essas percepções.

Padrão de resposta: É possível, através de relatos da obra, perceber que algumas reflexões são feitas a partir da condição de vida do negro no Brasil. Mesmo depois de tanto tempo da promulgação da Lei Áurea, os negros continuam sofrendo com violações de todos os tipos: a fome, a miséria, a violência policial, o desemprego e o preconceito. Com isso é possível afirmar que pouca coisa, de fato, mudou após a abolição. Ainda estamos presenciando o Estado violando os direitos desses indivíduos.